Memorial:
vida de professor trabalhador*

CLEITON DONIZETE CORRÊA TEREZA**

"Ocupar o latifúndio do conhecimento..."

1. Origens, história, primeiros passos...

Em 18 de dezembro de 1984, nos meses finais da Ditadura Cívico-Militar Brasileira, nasci em um pequeno hospital na cidade de Cabo Verde, sul do Estado de Minas Gerais. Nessa pequena cidade, que continua pequena, Maria do Rosário Corrêa Tereza, com 20 anos de idade, e, Carlos Marra Tereza, com 24 anos, comemoravam o nascimento do primeiro filho, após alguma apreensão, já que de acordo com relatos o menino estava passando da hora de nascer.

A compreensão das origens familiares contribui para o entendimento de todo o percurso. Maria do Rosário Corrêa Tereza, a Rosária, de pele clara e torcedora contida do Flamengo, a filha mais velha de Maria Augusta Corrêa e Vitor Corrêa, havia estudado até a 7ª série do ensino fundamental II (hoje, 8º ano). Passou por muitas dificuldades desde a adolescência, devido à pobreza, o alcoolismo do pai, os desentendimentos familiares. Na juventude chegou a ensaiar uma promissora carreira enquanto enfermeira ou técnica de laboratório de análises clínicas, já que trabalhou como auxiliar na área. Mas, a saída da escola e o relacionamento com Carlos, que não apoiava o trabalho, dificultaram esse sonho. Por fim, casou, foi morar na roça e engravidou. Porém, com o passar do tempo, a necessidade e o incômodo com a posição de submissão familiar impulsionaram a busca por trabalho fora de casa. Apanhou café, foi empregada doméstica por muitos anos, até que os filhos cresceram e conseguiu retomar os estudos. Concluiu o ensino fundamental e o médio no formato supletivo, prestou concursos públicos até conseguir ser efetivada como auxiliar de limpeza. Hoje, perto de se aposentar, trabalha em uma unidade de educação infantil.

* Memorial apresentado ao concurso para professor doutor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

** **CLEITON DONIZETE CORRÊA TEREZA** é Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor Doutor na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto – SP.

Carlos Marra Tereza, torcedor do Fluminense (com o qual também me identifiquei), de origem rural, cuja mãe teve dezessete gestações, mas apenas cinco chegaram à fase adulta, estudou até a 3º série do ensino fundamental I (hoje, 4º ano), ficando numa condição de semianalfabetismo e com muitos descontentamentos em virtude da experiência escolar marcada por vivências de discriminação, precariedade e autoritarismo, ainda mais por serem pobres e negros. Após anos trabalhando nas lavouras, sobretudo de café, Carlinho foi para a construção civil. Chegou a pedreiro, construiu e constrói ainda hoje inúmeras casas na cidade. Poderia mais, talvez mestre de obras, talvez ganhar mais e trabalhar menos, mas o estudo limitado, a personalidade difícil e o boteco o impediram de ir além.

Esse núcleo familiar, que depois veio a contar com a filha, Carla Cristina Corrêa Tereza, nove anos depois do meu nascimento, foi marcado desde sempre por limitações de recursos e muito trabalho. Uma das primeiras imagens que tenho de minha infância é sentar em um formigueiro em uma rua de café, com três anos talvez, e sofrer para me livrar das picadas doloridas. Também me recordo de perder um boné em uma das viagens no pau de arara que levava os trabalhadores para a lavoura de café. Lembro de brincar nos cafezais com brinquedos de madeira feitos pelo meu pai, quando ainda era mais presente e atencioso. Os cafezais de Cabo Verde, município que faz fronteira com Muzambinho, Botelhos, Divisa Nova, Monte Belo, todos no estado de Minas Gerais, e Caconde, no estado de São Paulo, constituem sua glória e sua desgraça. A economia do município e da região é estruturalmente dependente da produção de café. As sacas do produto são comercializadas internacionalmente e geram riqueza. Porém, seguindo a lógica agrária brasileira, os grandes proprietários e mais ainda, as empresas e os bancos dos quais se tornam dependentes, conseguem lucros abundantes, enquanto a maior parte da população é explorada e vive sem muitas perspectivas. Aqueles que ousam romper com esse ciclo tão limitado, tão colonizado, tão terceiro mundista, tão brasileiro, em geral, saem da cidade, e vão tentar a vida em outras praças. É o meu caso (e à frente retomarei isso).

Antes, porém, é preciso dizer algo sobre minha infância e juventude. Quando tinha dois anos de idade meus pais realizaram uma grande proeza – especialmente, considerando que estávamos no ano de 1986, em um Brasil arrasado pela Ditadura Cívico-Militar Brasileira, inclusive no aspecto econômico e monetário – conseguiram comprar um terreno na cidade e construíram uma casa própria (sem auxílio de quaisquer políticas públicas para moradia, praticamente escassas à classe trabalhadora naquela época). Cresci ouvindo histórias desse período, sobre como as pessoas desacreditavam que poderiam conseguir fazer uma casa, como moramos por meses na habitação sem energia elétrica (porque ainda não tinha esse serviço na rua do bairro), como trabalharam domingos e feriados na construção, foi quase a odisseia do moinho em A Revolução dos Bichos, mas que culminou na casa em que meus pais vivem até hoje e que visito com frequência. Também presenciei e ouvi muitas histórias de meus pais e familiares, sempre presentes, porque em cidades pequenas no interior se tem o benefício (e o pesar) de convivermos em família, sobre o quanto o final dos anos 1980 e a primeira metade dos anos 1990 foram difíceis: o desemprego, a inflação e a exploração, marcaram profundamente minha família e minha infância. Ainda é recordado o natal em

que só tínhamos arroz e abóbora para comer enquanto alguns vizinhos conseguiam ostentar churrascos. Isso porque o bairro foi se desenvolvendo, se estruturando e aos poucos se tornando um bairro de classe média baixa, porém, até um dos médicos da cidade fez sua casa com piscina na parte de cima da rua. Nós morávamos no final, na parte baixa, perto de onde alagava, onde havia mato e, anos mais tarde, uma ponte. Lembro que quando tinha sete ou oito anos, ao ganhar algum dinheiro da minha mãe, oriundo da venda de ovos de algumas galinhas que tínhamos no fundo da casa, para comprar gibis, não poderia demorar para ir à banca. Os preços subiam constantemente, a inflação não dava chances para a morosidade. Poderia ficar impedido de mergulhar nas histórias em quadrinhos.

Esse é um elemento que fez total diferença em meu percurso escolar e de vida, o incentivo e a cobrança da minha mãe. Quando ainda não ia para a escola, ela comprava sulfite, canetas, lápis e me colocava para encher as folhas com pequenos círculos e cruzes. Acho que ela não sabia exatamente o que estava fazendo, mas estava desenvolvendo minha capacidade de coordenação motora fina, de concentração e de apreço aos estudos, porque a cada final de página preenchida vinham correções e elogios, e eu me sentia bem. Sem esse tipo de experiência talvez eu não estaria hoje, em um sábado de feriado prolongado, sentando por horas frente um computador, sabendo que terei uma semana exigente nas escolas em que trabalho, para escrever um memorial e pleitear uma vaga como professor universitário. Poderia estar fazendo milhões de outras coisas, mas aqui estou. Pois bem, minha mãe sempre acompanhou meus estudos e sempre me deu dinheiro, quando não tinha pagava depois, para comprar gibis, revistas e livros na única banca que tinha na cidade. Ela não podia e nem sabia como me levar para museus, exposições, livrarias, bibliotecas, mas o que me ofereceu marcou profundamente. Quando entrei na escola, na pré-escola, já comecei a me destacar, desenhava bem (para os padrões de uma criança dessa idade, afinal, essa habilidade não se desenvolveu muito para além disso), aprendia com certa facilidade, era respeitoso. Ainda na Escola Municipal Major Leonel, em que estudei até os dez anos, eu li bastante, comecei a escrever história em quadrinhos também, mas minha personalidade também foi mudando, ficando mais agitado e em certos momentos mais arredio, o que em grande medida é uma qualidade. Porém me envolvi nas primeiras brigas, quebrei a clavícula duas vezes (uma delas na escola), discordei de professoras, mas seguindo, estando sempre entre os alunos com as notas mais altas. Lembro que na quarta série, último ano nessa escola, tomava conta da biblioteca da minha sala, sentava próximo aos livros que ficavam num canto, não sentava na carteira como meus outros colegas, li o que considerei na época o primeiro livro de verdade, “Pesadelo com o sol”, uma história clichê de velho oeste estadunidense, que tinha cerca de 150 páginas! A partir daí me entendia como um leitor!

Naquela época tive a felicidade de morar sempre na mesma rua, nomeada Thiago Maior – mas já falo sobre religião e vai ser interessante – em que viviam todos os meus melhores amigos em um espaço de 200 metros. Jogávamos bola, soltávamos pipa, encaçapávamos bolinhas de gude, disputávamos campeonatos de futebol de botão, fazíamos guerras com bonecos (e como eram caros... meu deus! Só com a entrada de brinquedos fabricados na Ásia, por meio de lojas de variedades, no contexto do avanço da globalização das

mercadorias, nos anos 1990 passaram a ser mais acessíveis) e com sorte eu conseguia jogar videogame na casa de alguém, porque sempre que pedia um de Natal para o Papai Noel ganhava outra quebra-cabeça, carrinho ou jogo barato de tabuleiro. Contudo, talvez nenhum brinquedo tenha me marcado mais que o skate, que consegui comprar aos quatorze anos, após termos assistido "Skates na pista da morte", filme com o ator Kelly Slater que passava na Sessão da Tarde, na rede Globo, quando a rua de baixo das nossas casas foi asfaltada. A prática e a cultura do skate entraram na minha vida e nunca mais saíram, o que acabou influenciado muito nas músicas que ouço geralmente, na forma de olhar e viver a rua, na percepção estética, e no espirito da transgressão e da insistência.

Nesse período que comecei a andar de skate, já estudava na Escola Estadual Pedro Saturnino de Magalhães, ainda em Cabo Verde, onde cursei o ensino fundamental II e o ensino médio, na qual apreendi um bocado, seja com aulas e professores que me marcaram profundamente, seja com conflitos com profissionais e colegas que também me fizeram compreender melhor questões como abuso hierárquico, racismo e classicismo ainda mais arrochados em uma cidade pequena. Lembro, por exemplo, que em um dado momento as turmas eram divididas de maneira extremamente segregada, numa determinada série a turma A era para filhos de professoras, fazendeiros, comerciantes, etc., as turmas B e C para filhos da classe trabalhadora desprivilegiada. Não raro a turma C contava com a presença maior de estudantes que vinham da zona rural. Nessa instituição fiz parte do colegiado escolar representando os estudantes e conseguimos desenvolver algumas ações relevantes para a época. Também representei os estudantes no Codema (Conselho Municipal de Defesa e Conservação do Meio Ambiente). Toquei e viajei com a fanfarra da escola, disputei jogos interclasses de futsal, participei de atividades culturais, discuti, fui suspenso, beijei, enfim, vivi nessa escola. E era uma época em que passei a ler muito, após parar de ver telenovelas com minha família. Lia Fernando Pessoa, Mário Quintana, Paulo Leminski, biografias, textos jornalísticos e revistas de skate também. Porém destaco dois momentos que foram significativos para minha escolha profissional.

Quando estava no segundo ano do ensino médio tive aula com uma professora de História que costuma colocar a turma em círculos e promover discussões a partir dos conteúdos, a prova era uma redação sobre os temas estudados, no começo eu odiava, mas depois fui percebendo que funcionava, que eu aprendia melhor, que poderia falar e debater, comecei a pensar em ser professor de História. No ano seguinte, uma professora que havia lecionado para mim no ensino fundamental, me convidou para palestrar para turmas de 9º anos sobre ritmos musicais de origem africana, que se desenvolveram no século XX. Na época eu tinha tranças e estava já muito ligado a uma certa contracultura. Fiz as falas que a professora me pediu, lembro que levei a música Televisão, do grupo de rap Faces da Morte para ser analisada junto às turmas. Foram minhas primeiras aulas. Gostei daquilo. Passei mesmo a pensar em fazer História e ser professor. Contudo, eram tempos difíceis e entrar na universidade era mais complicado, apenas um primo tinha entrado na faculdade de Matemática, minha família não tinha dinheiro, eu não sabia exatamente como acessar. Fiz o ENEM em 2002, tirei a maior nota da prova objetiva entre todos os estudantes da escola (não fui tão bem na redação), mas

isso não resolvia. Não existia PROUNI, nem SISU, e FIES era raro. Via colegas de minha turma já se direcionando para as faculdades e não sabia se conseguiria, em um dado momento pensava em ser eletricista (tinha feito um curso e volta e meia trabalhava de servente de pedreiro com meu pai), talvez pudesse ser skatista profissional, mas seria difícil também. Em janeiro de 2003, já de férias, pós ensino médio, e bem perdido sobre o que fazer, após de ter ido mal em um concurso para os Correios e em uma prova de admissão para cursar técnico em informática, conversei com um amigo que fazia Química na UNIFEG, um centro universitário privado na cidade de Guaxupé, localizada a cerca de 60 Km de Cabo Verde. Ele me explicou sobre os cursos, como obter descontos, dentre outras coisas. Tinha História! Cheguei em casa e disse para minha mãe que prestaria o vestibular. Mesmo sem saber como poderíamos pagar minha mãe me apoiou. Fiz a prova, fui bem, passei em 4º lugar, iniciei o curso, as coisas definitivamente mudaram.

2. Juventude, militâncias, sequência dos estudos, atuação profissional...

As mudanças vieram por passar a ter acesso a um ambiente cultural que não fazia parte das minhas vivências, da minha família e de boa parte dos meus amigos. Entre o início de 2003 e final de 2005, as leituras, as aulas, as reflexões, as discussões com os colegas nos intervalos das aulas, toda a efervescência universitária, mesmo que fosse um curso noturno em uma universidade privada do interior, para estudantes trabalhadores, era bem mais do que eu poderia achar que acessaria. E tinha professores que haviam estudado em grandes universidades públicas ou privadas, viajado para outros países, participado de momentos históricos importantes. Todo aquele ambiente me encantou!

Nesse período de transição do ensino médio para o ensino superior, eu havia me tornado um jovem atuante no município. Ingressei na Ordem Demolay, organização criada e mantida pela Maçonaria com o intuito de formar líderes. Com todas as contradições desse espaço, que nos últimos anos tornou-se ainda mais conservador e, que não frequento mais, aprendi bastante em termos de organização institucional, realização de campanhas solidárias, eventos, viagens. Ocupei cargos como de secretário e depois fui eleito mestre conselheiro, a função mais importante de coordenação dentro de um capítulo da Ordem Demolay, e cheguei a ser uma referência regional. Também montei uma banda de pop punk com dois amigos e, durante cerca de três anos, dediquei-me também à música, que sigo tentando apreender melhor até hoje, fazendo aulas de violão, guitarra e contrabaixo com minha filha. Passamos a organizar shows também e junto com outros amigos e amigas movimentando o município ao melhor estilo “faça você mesmo”. Houve por algum tempo uma cena animada nesse sentido.

Nessa fase da juventude, importante para a constituição da personalidade, tive que resolver minhas questões com a igreja e com a fé. Cresci em uma família muito diversa em termos de religiosidade. Meu pai frequentava um centro espírita, de orientação mais umbandista eu diria, com outros membros da família, minha mãe sempre foi católica apostólica romana praticante, minha vó materna – que em um certo momento passou a morar conosco, em uma casa nos fundos acompanhada do filho mais novo, portanto, meu tio, apenas quatro anos mais velho que eu, rompendo de vez o relacionamento com meu avô – tinha passado por várias igrejas, mas se fixou na Congregação Cristã do Brasil, e esse meu tio, que passou a ser meio que um

irmão mais velho, um pouco mais crescido, tornou-se evangélico neopentecostal. Eu e minha irmã fomos inseridos no catolicismo, mas desde pequenos tínhamos convívio com outras orientações religiosas. Minha irmã continua uma cristã atuante e fervorosa. Eu, ao melhor estilo Álvaro de Campos, "desci pela janela da aprendizagem que me deram", embora na infância e parte da adolescência tenha sido um cristão exemplar, participando dos terços, das novenas, das Campanhas da Fraternidade, da Legião de Maria, dos retiros espirituais e até da Renovação Carismática Católica – nesse segmento passei a ter mais dúvidas sobre os rituais, a fé, a vida eterna e a possibilidade de salvação. Durante alguns anos vivi esses conflitos e em um dado momento, já estudando História, passei a pensar que o melhor seria queimar todas os centros religiosos. As ideias libertárias me ganhavam cada vez mais. Lia Proudhon, Bakunin, ouvia rock, rap, punk rock, andava de skate, estudava as catástrofes promovidas pela fé na história, cada vez mais profano, cada vez mais mundano, deixei de ser religioso, deixei de acreditar em Deus e pouco depois encontrei Nietzsche. Foi revelador!

Durante a faculdade também passei a compreender melhor as questões políticas, não que fosse desligado disso, pelo contrário, lembro que, quando tinha 12 anos, e vendia pão pelas ruas logo de manhãzinha, assim que terminava o serviço eu corria pra casa pra ver o telejornal da manhã, já sabia que era importante estar informado, inclusive sobre os debates e decisões políticas e tinha clareza que isso influenciava minha vida. Entretanto, na universidade, passei a analisar melhor os espectros políticos, as organizações partidárias e a teoria política. Após participar de um Congresso da União Nacional dos Estudantes em Goiânia-GO, em meados de 2005, me filei ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), e alguns anos depois, me filiei ao Partido Popular Socialista (PPS), depois ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e, por fim, Unidade Popular (UP). Minha relação com a forma partido não é das melhores, mas compreendo a relevância e sempre busco contribuir.

Nesse período da faculdade tive que trabalhar durante boa parte do tempo como servente de pedreiro para pagar os estudos, também trabalhei como empacotador e repositor em supermercado, auxiliar em cartório eleitoral, estagiário de banco e, mesmo assim, em alguns momentos de falta de emprego, minha mãe teve que pegar o salário todo e pagar a mensalidade. Cheguei a observar com tristeza a geladeira de casa vazia por causa dos meus estudos. No último ano da graduação consegui ingressar em um programa de pesquisa que me deu cinquenta por cento de bolsa, que com alguns outros descontos, permitiu que pudesse trabalhar menos para obter salário e estudar mais. Por meses tive o privilégio de acordar e estudar o dia todo e, no fim da tarde ou no início da noite pegava o ônibus para ir para a faculdade. Todo dia uma hora pra ir e outra para voltar, de Cabo Verde a Guaxupé. O ingresso nesse projeto de pesquisa me ajudou a suprir lacunas da licenciatura plena, no que se refere às pesquisas. Minha orientadora, Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia Pinto Corrêa, teve um papel importante nesse processo de aprendizagem e cuidado com a pesquisa, que também serviu como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado "A ditadura militar brasileira (1964-1985) e a cidade de Cabo Verde". Um artigo com base nesse trabalho foi publicado na revista de iniciação científica da UNIFEG em dezembro de 2005. No meio do último ano de

faculdade, contrário ao pessimismo de muitas pessoas que insistiam nas dificuldades geradas por um certo desemprego do professorado, fui aprovado em concurso público para a trabalhar na rede estadual de Minas Gerais. Para poder assumir a vaga precisei torcer pela demora em alguns meses para efetivarem a convocação, deu certo, colei grau em janeiro de 2006 e em fevereiro iniciei meu trabalho como professor de ensino fundamental e médio, aos 21 anos de idade.

A primeira escola em que lecionei, já concursado, e foi nessa escola em que aprendi a ser professor, como tantas vezes já disse, foi a E. E. João de Souza Gonçalves, no município de Botelhos, vizinho a Cabo Verde. Trabalhei por nove anos nessa escola. Aliás, essa é uma caraterística relevante, sempre leciono por um período considerável nas escolas em que atuo. Em certas ocasiões, por causa de outras demandas, mudanças necessárias no aspecto organizacional ou descompasso de princípios nas unidades, tive que migrar, porém considero relevante compreender de fato a escola e a comunidade em que está inserida e/ou atende, e isso leva tempo e exige empenho. Além da João de Souza, lecionei por poucos meses também na E. E. Pedro Saturnino de Magalhães, em Cabo Verde, na qual cursei o ensino médio, e também na E. E. Afonso Romão de Siqueira em Palmeiral, um distrito de Botelhos. Eram os primeiros e importantes passos na carreira do magistério. Nesse período também atuei como membro da Associação de Pesquisadores e Historiadores dos Sertões do Jacuí, grupo criado e coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Theodoro Grilo, da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), câmpus de Passos. Também cursei uma disciplina no departamento de Filosofia da Universidade de São Carlos (UFSCAR), sob responsabilidade do Prof. Dr. Wolfgang Leo Maar, estudando a teoria crítica da Escola de Frankfurt. Após dois anos lecionando na rede estadual, e com uma filha a caminho, fui aprovado em segundo lugar no concurso da rede municipal de Poços de Caldas em 2007, na qual comecei a lecionar no início de 2008. Isso implicou também na mudança de cidade.

Em 2008 me mudei com minha companheira e com minha filha recém-nascida para Poços de Caldas, cidade de médio porte, considerada a capital do sul de Minas Gerais, por vários fatores, desde a quantidade populacional, passando pelos atrativos econômicos, envolvendo turismo, mineração, serviços, comércio, indústrias, e, pela relevância cultural. Esse foi um período difícil, de muitas incertezas, de restrições financeiras e conflitos diante das necessárias adaptações. Contudo, segui com os estudos. Iniciei, nessa mesma época, uma pós-graduação em História Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) câmpus Poços de Caldas. Esse curso latu-sensu, na modalidade Prepes, de 18 a 24 meses de duração, tinha os módulos de aula no período de férias. Era uma espécie de intensivão e foi um curso significativo para o meu desenvolvimento intelectual, tendo acesso a diversos autores que não conheci na graduação. Os professores que lecionaram no curso trabalhavam com referências distintas e os estudantes também vinham de diferentes cidades e regiões do país. O trabalho de conclusão desse curso teve como título “A greve de professores em Cabo Verde (1979): vozes, memória e autoritarismo”, orientado pela Prof.ª Dr.ª Ana Maria Brochado de Mendonça Chaves. Esse trabalho contribuiu decisivamente para um aprimoramento, ainda introdutório, enquanto pesquisador. A parceria com a

Professora orientadora também foi importante pois, cerca de dois anos depois, ela me auxiliou com a formulação de um projeto preliminar de pesquisa com vista ao mestrado.

Durante os anos de 2010 e 2011 cursei uma segunda pós graduação latu sensu, dessa vez em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pelo programa Universidade Aberta do Brasil (UAB). O curso, realizado no formato à distância possibilitou a melhor compreensão da educação brasileira, dos desafios no ensino, da relação entre tecnologia e aprendizagem, dentre outras questões. Esse curso, na realidade, acabou me aproximando mais decisivamente das pesquisas envolvendo Educação, já que, até então, minhas produções caminhavam mais no âmbito da própria História. O trabalho final, realizado em grupo, foi um artigo denominado "A utilização de fóruns como instrumentos avaliativos na educação a distância".

Nesses anos, segui lecionando na E.E. João de Souza em Botelhos e em escolas municipais de Poços de Caldas: E.M Sérgio de Freitas Pacheco, E. M. José Avelino de Melo e na E. M. Wilson Hedy Molinari, na qual consegui concentrar minhas aulas e trabalhei por sete anos. Lecionar na Molinari foi também uma experiência muito significativa, isso porque, além de ser responsável por aulas de História, assumi aulas de Ética e Cidadania, para as turmas de 8º e 9º anos, diante de uma mudança pedagógica e curricular realizada na escola e documentada no livro "Projetos bem-sucedidos em Educação em valores: relatos de escolas públicas brasileiras". E também em um artigo de minha autoria, "Meio ambiente, sociedade e cultura: o que esperar da nova geração?", publicada no livro "Psicologia e Filosofia: subjetividade, ética e formação". Nessa escola fui decisivamente desafiado a pensar em novas *práxis* em educação. Assim, passei a elaborar mais materiais didáticos originais e elaborar atividades destinadas ao desenvolvimento de habilidades relacionadas ao convívio, reponsabilidade e autonomia. Também construí mecanismos de autoavaliação e realizei assembleias escolares. O trabalho com essa equipe e sobretudo com a Prof.ª Dr.ª Flavia Maria de Campos Vivaldi, que à época era responsável pelo setor pedagógico da escola, e depois, em 2017, assumiu a Secretaria de Educação do Município, da qual integrei o corpo administrativo, foi profícuo para meu desenvolvimento profissional, pessoal e também para a militância em defesa da educação pública.

3. Pós-graduação, atividade política, perspectivas...

Ainda no período em que cursava a segunda pós graduação lato senso, comecei minha trajetória em busca de inserção em um programa de mestrado. No primeiro semestre de 2012, fui aceito como aluno especial em uma disciplina sob responsabilidade da Prof.ª Dr.ª Zilda Márcia Grícoli Iokoi, sem saber que essa parceria se estenderia por tanto tempo – no departamento de História Social da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

Logo nas primeiras aulas apresentei à Prof.ª Zilda Iokoi uma cópia do projeto de pesquisa no qual vinha trabalhando e perguntei se ela poderia analisá-lo e se tinha interesse em minha proposta. Algumas semanas depois tive a devolutiva, mas o projeto estava com tantas observações que pensei de imediato na negativa de interesse à possível orientação. Contudo, a Prof.ª

Zilda, após muitas considerações, disse que tinha interesse sim na pesquisa, mas não na História Social, e sim em um programa de pós-graduação que estavam criando no Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (Diversitas). No segundo semestre daquele ano, participei do processo seletivo do Programa em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (Diversitas – USP), entretanto, não fui aprovado na primeira tentativa em virtude do exame de proficiência em língua estrangeira (inglês), embora tenha conseguido aprovação na prova dissertativa, mediante bibliografia previamente estabelecida.

O ano seguinte foi de muito estudo, ao mesmo tempo em que lecionava cinquenta aulas por semana, minha filha crescia e a vida seguia apresentando seus sabores e demandas. Estudei para a prova de proficiência, fiz um curso online ofertado pelo Diversitas, especialmente para compreender melhor as temáticas e reflexões epistemológicas realizadas no Núcleo e pelo Programa. No primeiro semestre de 2013 cursei duas disciplinas no Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades como aluno especial, e, no segundo semestre de 2013, finalmente consegui a aprovação, passando também pela banca de entrevista e iniciando os estudos em nível de mestrado. Durante o período em que cursava as disciplinas, como estabelecem as normas do programa em termos de créditos, conhecia melhor a dinâmica da Universidade, da vida acadêmica e dos perrengues da estrada entre Poços de Caldas e São Paulo. Muitas histórias! Naquele período, também montamos um grupo de estudos com os orientandos da Prof.ª Zilda Iokoi. Foram tempos intensos e que contribuíram efetivamente para a construção da dissertação, defendida e publicada com o título: “Conflitos e Potencialidades na Educação Pública: uma análise a partir da Escola Estadual Francisco Escobar”.

Entre os integrantes da banca, que fizeram excelentes apontamentos em relação aos resultados da pesquisa apresentada, estava o Prof. Dr. Vitor Henrique Paro, que me convidou para participar do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Escolar (GEPAE), coordenado por ele. No segundo semestre, logo após a defesa da dissertação, passei a integrar o grupo, ao qual permaneço como integrante ativo. O ingresso nesse grupo foi fundamental para minha preparação para o doutorado, afinal, mantive a dinâmica de leitura, de escrita, de debates e das reflexões constantes. Também mantive o contato com as realizações do Diversitas e com a Prof.ª Zilda Iokoi. Durante dois anos, trabalhei na formulação de um projeto de pesquisa com vistas ao doutorado, no qual ingressei em 2018, no mesmo programa em que realizei o mestrado e mantendo a mesma parceria com a orientadora, embora, inicialmente, tenha passado por outros dois orientadores provisórios enquanto aguardava vaga para a formalização da orientação definitiva.

No aspecto pessoal e familiar, busquei equilibrar todos os afazeres com o apoio à minha filha, afinal, como costumo brincar, os filhos vêm com o defeito de crescer, e se não acompanhamos com cuidado e carinho, rapidamente deixamos de colaborar e participar de fases fundamentais do desenvolvimento infanto-juvenil. Penso que consegui exercer a paternidade com algum êxito até aqui. Atualmente minha filha cursa o ensino médio no Instituto Federal do Sul de Minas (IFSuldeMinas) câmpus Poços de Caldas, após aprovação em um concorrido processo seletivo, e, cada vez mais, tornar-se uma pessoa consciente e

autônoma. De forma semelhante, consegui ser parceiro da minha companheira para que pudesse conciliar o trabalho, enquanto técnica de saúde bucal, com a faculdade de Odontologia, em um curso noturno. Tivemos que articular com cautela os compromissos financeiros, os horários, dividir tarefas domésticas, para que conseguíssemos avançar em nossas carreiras. Ela conseguiu se formar e agora, como cirurgiã dentista obtém ganhos melhores, mais satisfação profissional e planeja seguir estudando em nível de especialização.

É relevante dizer que, durante esse período de realização do mestrado e depois do doutorado, passou a ser mais intensa também minha incidência política, especialmente com o Coletivo Educação de Poços de Caldas. O Coletivo consiste em um grupo autônomo de educadores que militam em defesa da educação pública, laica, gratuita e de qualidade no município. Nossas atividades tiveram início em 2016 e, durante esses últimos anos, realizamos estudos entre os membros, ações de intervenção em escolas, palestras com autores de referência no campo da educação, construção de cartas de compromisso aos candidatos ao executivo municipal, publicação de notas de posicionamento, ações conjuntas com outros movimentos sociais dentre outras formas de ocupação de espaço no debate público em torno da educação e pautas relacionadas. Também passei a integrar a Campanha Nacional pelo Direito à Educação em 2019, pelo Comitê de Minas Gerais. Fui membro do Conselho Municipal de Acompanhamento e Controle Social do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais da Educação Básica (CMACS-FUNDEB) por quatro anos, dois deles como presidente, entre 2017 e 2019. Compus também o Conselho Municipal de Educação, entre 2022 e 2023, representando o seguimento dos professores do ensino fundamental II.

Nesses últimos anos, procurei também ampliar o volume de publicações e participações em eventos acadêmicos. Capítulos de livro como “Paulo Freire: os dilemas da escola pública e as contribuições da psicologia social” escrito em parceria com Prof.ª Dr.ª Fernanda Mendes Resende; participação e organização de eventos como o “I Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades”, que resultou também na publicação de um e-book; e o texto “O Brasil que não pode ser esquecido”, publicado no site da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, no portal Yahoo e na revista Radis Comunicação e Saúde, da Fundação Fiocruz, todos no ano de 2020, são exemplares. Esse último texto citado, com uma reflexão sobre o ensino remoto e as desigualdades profundas na sociedade brasileira circulou por todo o país. Por causa dele fui convidado para integrar a equipe de articulistas do Jornal Pensar a Educação em Pauta, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), assim, entre 2021 e 2023 escrevi mensamente para o Jornal, discutindo diferentes temáticas relacionadas à educação. Atualmente contribuo regulamente com a coluna “Cidade das Letras: educação e literatura”, coordenada pelo Professor Luciano Mendes (UFMG), do jornal Brasil de Fato – MG. Ainda escrevo para jornais locais e participo, sempre que possível, de debates públicos envolvendo pautas em defesa da educação pública e democrática, como a participação recente no programa Plantão 47, da TV Plan, de Poços de Caldas, debatendo a segurança nas

escolas diante dos atentados e ameaças de atentados.

Entre 2018 e 2022 me dediquei à realização do doutorado, cumpri os créditos obrigatórios em termos de disciplinas ainda no primeiro ano e depois segui com o desenvolvimento da pesquisa, analisando questões envolvendo a educação e o mundo do trabalho a partir da realidade de jovens que cursaram o ensino médio na rede pública e concomitantemente fizeram cursos de formação profissional no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). O processo de pesquisa foi exigente, considerando um agravante que, durante esse período, fomos acometidos pela pandemia da covid-19 que levou ao necessário distanciamento social e ao fechamento das escolas. Isso fez com que a pesquisa passasse por adequações, assim, se em um primeiro momento, pretendíamos estudar os jovens que estavam no percurso de formação, passamos a averiguar os egressos. Isso também fez com que a pesquisa ganhasse um aspecto mais original e até inovador, visto que pesquisas com os egressos são menos recorrentes e difíceis de serem realizadas. Contudo, a tese "Trabalho, educação e cultura pelos jovens batalhadores: das ideologias capitalistas às possibilidades de insurgência" foi muito bem recebida pela banca e resultou em uma aprovação com louvor.

Durante todo esse percurso não deixei de lecionar dezenas de aulas por semana na rede pública básica. Trabalhador da educação. Desenvolvendo uma atividade intelectual e militante constante. Vida de trabalhador. De 2017 até o final de 2019, coordenei o Centro Municipal de Referência do Professor Monsenhor Trajano Barroco (CERPRO) da Secretaria Municipal de Educação de Poços de Caldas, setor responsável pela formação de educadores da rede. Durante esse período intenso de trabalho, juntamente com toda uma equipe, elevamos o nível de formação dos profissionais, ofertando uma quantidade de cursos, encontros, palestras e seminários, como jamais tinha ocorrido nessa rede, possibilitando entre outros aspectos a melhoria nas carreiras e nos salários dos profissionais por meio das promoções horizontais, além do desenvolvimento de temáticas e atividades pedagógicas para melhoria da *práxis* educativa. Conteúdos relevantes para a rede também foram desenvolvidos, como o documento "Diretrizes para elaboração dos currículos escolares", em parceira com outros setores da Secretaria e colaboradores externos envolvidos com a educação.

Na rede estadual, leciono na escola David Campista, às tardes, e na rede municipal, leciono na escola Dr. Pedro Afonso Junqueira, durante as manhãs. Essa dedicação cotidiana à escola pública básica enquanto professor de História traz desafios, sobretudo devido às muitas horas de atividade diárias, por outro lado, é dessa labuta que consigo obter um salário que permita me organizar e obter sustento, juntamente com minha família. É nessa constante luta na educação pública, desenvolvendo diversos projetos educativos, que também encontro ânimo, inquietações e inspirações para seguir defendendo as transformações necessárias para a construção de uma realidade verdadeiramente justa e democrática. Contudo, penso que, considerando minha trajetória de estudos, desenvolvimento profissional e envolvimento em variadas ações, tenho condições de contribuir realmente para a formação de outros educadores como professor universitário, além de ter possibilidades de me dedicar ainda mais

às pesquisas e aos debates em outros níveis e espaços. Indicativo disso foram minhas participações em palestras, aulas, oficinas e minicursos em diferentes instituições, de forma mais significativa na disciplina "Assistência Social e Interdisciplinaridade: raça e etnia", no curso de pós-graduação lato sensu em Política de Assistência Social (SUAS), em 2018 e 2019, no câmpus da PUC Minas, também em Poços de Caldas.

Desde menino tive que entender sobre formas de discriminação e exclusão, e ao mesmo tempo desenvolver mecanismos para não aceitar ofensas. Aprendi a não permitir que me chamassem de neguinho ou coisa do tipo, aprendi a ser firme diante dos olhares desconfiados, aprendi a não me sujeitar diante das opressões e continuo aprendendo diariamente, não há muita margem para escolha. As lutas por reconhecimento necessitam de articulação, teoria e estratégias. Neste sentido, integrei diversas iniciativas em defesa da negritude e das diversidades, afinal, a compreensão, a atuação compromissada e a valorização da educação pública que tanto defendo, implicam em considerar centralmente as questões étnico-raciais. Participei de várias formações, como os "Seminários das Relações Interétnicas e Igualdade Racial e Cultural na Educação", organizados pelo Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial e Étnica (COMPIRÉ) e pela Secretaria Municipal de Educação (2008-2009); fiz parte do grupo de educadores que incluiu nos currículos das escolas do município temáticas para atender às proposições das leis 10.639 e 11.645; palestrei muitas vezes em escolas e outras instituições educativas sobre as questões raciais e seus desdobramentos, como no Instituto Federal do Sul de Minas, câmpus Poços de Caldas, e no Museu Histórico e Geográfico local, discutindo "A escravidão como traço constituinte do Brasil"; escrevi vários textos para jornais e sites, como já citei, informando e debatendo pautas pertinentes à educação pública, e estou trabalhando para compilar parte deles e lançar, como livro, no primeiro semestre de 2024. Também escrevi, em parceria com outra pesquisadora, o artigo "Escola, relações étnico-raciais e Psicologia", que deverá ser publicado em breve.

Enquanto coordenei o Centro Municipal de Referência do Professor (CERPRO) da Secretaria Municipal de Poços de Caldas, junto com a equipe que compunha o setor, busquei criar e fortalecer iniciativas que valorizassem a contribuição africana e afro-brasileira na sociedade, inclusive questionando as reproduções da história única pelas mãos dos homens brancos e proprietários. Os dois trabalhos mais significativos neste sentido, construídos a muitas mãos, foram o projeto de educação patrimonial "Você é Poços – roteiro Minha Terra tem Palmares", pelo bairro Cascatinha, icônico da presença negra no município; e o "Vivências Afro-brasileiras", que incluía a prática da capoeira, oficinas, palestras e apresentações para estudantes do ensino fundamental I e II. Este último trabalho foi inclusive apresentado na 18º edição do USP-Escola, em julho de 2019. [1] Nas instituições de ensino básico em que lecionei e leciono, desenvolvi

[1] *Professores conhecem a história do Cascatinha em projeto de educação patrimonial.* Disponível em: https://pocosdecaldas.mg.gov.br/noticias/secretaria-de-educacao-de-pocos-apresenta-projeto-vivencias-afro-brasileiras-na-usp/. Acesso em 25 de set. 2023. *Secretaria de Educação de Poços apresenta "Projeto Vivências Afro-brasileiras" na USP.* Disponível em: https://pocosdecaldas.mg.gov.br/noticias/professores-conhecem-historia-do-cascatinha-em-projeto-de-educacao-patrimonial/. Acesso em 25 de set. 2023.

incontáveis atividades e projetos com os estudantes sobre temáticas que compreenderam a história e a cultura afro-brasileiras e indígenas, pensando e articulando sempre ações que levem em conta centralmente a função social da escola, todavia, ressalto o Coletivo Negro da E. E. David Campista, organizado em meados de 2022. Por meio desse grupo, composto por quatro professores e algumas dezenas de estudantes, que constitui um movimento social no interior da escola, desenvolvemos uma série de ações (estudos de textos, mostra de filmes, oficinas, manifestação contra o Novo Ensino Médio, canal de denúncia para situações discriminatórias, viagem para visitação ao Museu Afro Brasil e Memorial da Resistência em São Paulo, palestra em outras escolas, dentre outras) combatendo o racismo, assim como outras formas de subjugação, ressaltando a necessidade de compreensão das diversidades e valorização de negros e negras, dentro e fora dos estabelecimentos de ensino.

Dito isso, destaco que o ingresso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, abriria uma nova etapa em minha carreira profissional e em minha vida, mormente trabalhando metodologia do ensino de História e Geografia, pois esses estudos constituem profundamente minhas vivências e, como parte delas, minhas atividades políticas (sobretudo na defesa da formação continuada de professores), profissionais e intelectuais. Teria possibilidade de desenvolver – em ensino, pesquisa e extensão – reflexões, epistemologias e intervenções significativamente singulares na formação de educadores, com compromisso ético e cidadão, acrescentando na defesa dos direitos que passam essencialmente pela garantia de uma educação digna para todas as pessoas, especialmente àquelas historicamente minoradas, mas que tanto fazem e tanta força e conhecimento possuem!

Referências

Coletivo Educação não aprova extensão do mandato de diretores e vices. **Jornal da Cidade**. Disponível: https://www.jornaldacidade1.com.br/extensao-de-mandatos-de-diretores-e-vices/ . Acesso em 11 de maio 2023.

CORRÊA, Ana Cláudia Pinto; TEREZA, Cleiton Donizete Corrêa. A Ditadura Cívico Militar Brasileira (1964-1985) e a cidade de Cabo Verde. *In*. **Revista de Iniciação Científica** (UNIFEG). Ano 05, nº 5 (dezembro de 2005).

MENIN, Maria Suzana de Stefano; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; ZECHI, Juliana Aparecida Matias (orgs.). **Projetos bem sucedidos em educação em valores:** relatos de escolas públicas brasileiras. São Paulo: Cortez, 2013. pp. 215-237.

Mesa 14 (Educação): Resistência, propostas e práticas em educação para emancipação. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=zmrrNcInDZ4&t=12s . Acesso em 11 de maio 2023.

PLANTÃO 47. O professor de História e especialista em História Contemporânea, Cleiton Donizete Corrêa Tereza e a supervisora pedagógica, Ana Paula Ferreira, vêm ao Plantão para falarem sobre a educação nos dias atuais. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M0pu46rzG0I. Acesso em 25 de set. 2023.

RESENDE, Fernanda Mendes; TEREZA, Cleiton Donizete Corrêa; Paulo Freire, os dilemas da escola pública e as contribuições da psicologia social. *In:* PENZIM, Adriana Maria Brandão *et al.* (orgs.). **Cem anos com Paulo Freire:** diálogos. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Nesp, 2020.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes para elaboração de currículos escolares: documento municipal. Flavia Maria de Campos Vivaldi (Org.) Coordenação editorial: Aluísio Cavalcante, Poços de Caldas-MG: SME, 2019.

TEREZA, Cleiton Donizete Corrêa Tereza. **Em um ano repleto de dificuldades, algumas**

experiências educativas para esperançar. Disponível em: https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/em-um-ano-repleto-de-dificuldades-algumas-experiencias-educativas-para-esperancar/ Acesso em 25 de set. de 2023.

_____. **Com uma foto, um aluno me comoveu por representar um Brasil que não pode ser esquecido, diz professor**. Disponível em: https://campanha.org.br/noticias/2020/10/13/com-uma-foto-um-aluno-me-comoveu-por-representar-um-brasil-que-nao-pode-ser-esquecido/. Acesso em 25 de set. 2023.

_____. **Conflitos e potencialidades na educação pública:** uma reflexão a partir da análise da Escola Estadual Francisco Escobar. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo, 2016.

_____. **Trabalho, educação e cultura pelos jovens batalhadores: das ideologias capitalistas às possibilidades de insurgência**. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, 2023.

_____. Meio ambiente, sociedade e educação: o que esperar da nova geração? *In* **Psicologia e Filosofia:** subjetividade, ética e formação. MATOS, Maria José Viana Marinho *et al.* (orgs.). Curitiba: CRV, 2016.

_____. Memórias das mulheres: ideologia, educação e trabalho. *In* SIQUEIRA, Giseli do Prado *et al.* (orgs.). **Religião, Educação e Direitos Humanos:** diálogos possíveis. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

Recebido em 2024-10-03
Publicado em 2025-01-01